



CARTA DE AMOR A OUTRAS MULHERES SOZINHAS

Maria Luíza Schreiner Pereira¹

¹ Graduada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina

Quanto mais desgarrada a gente é, mais a gente carrega, escondida, uma ânsia de encontro. Escrevo tantas coisas e sinto que nenhuma delas serve.

Mas serve pra quê, meu deus? Pra ser visto. Ou, mais exatamente, pra ser vista.

Eliane Brum costuma dizer que, ao entrevistar alguém, jamais começa com uma pergunta direta, porque parte do encanto é por onde resolvemos começar a contar nossas histórias. As pessoas começam a contar suas histórias dos pontos mais improváveis, como se fossem se acercando de si mesmas. Como se mesmo nisso houvesse um encontro.

Se eu começasse a contar minha história seria dizendo que, antes de começá-la, eu não tinha as palavras de que ela iria se urdir. E que, mesmo agora, não as tenho. Por isso escrever me é tão importante. Da vez primeira que meu coração disparou de amor, eu não sabia que era de amor que ele disparava. Eu não sabia que era possível amar aquela outra. É difícil explicar como se pode vir a ser alguém que não sabe que existe. Ou mesmo como se logra saber, finalmente, quem se é. Posso dizer que é doloroso. Que é um processo de luto, medo e longos hiatos de desencontro. Anos depois encontrei um livro que dizia que o brasileiro, o brasileiro se levantou de sua ninguentade para fazer a si mesmo, que essa era a história de nosso povo. Pensei: é isso, durante todo esse tempo, fui me levantando de minha ninguentade para fazer a mim mesma.

Por um largo período não conseguia me recordar da minha infância e, adulta, me sentia uma estrangeira em mim mesma. Como quem acorda premida por uma contingência - o desejo também é uma contingência - que obscurece a história de como tudo chegou a ser. Hoje sei que são assim as feitorias em que habitamos e que desfizeram nossos vínculos ancestrais e nossas possibilidades de ser coisa outra além de uma solidão que dói. Descobri que as coisas que existiam em mim precisavam ser ditas em um idioma há muito abolido ou ainda por inventar. No processo de compreender isso pude finalmente nomear e encadear as dores, afetos e rebeliões que carregava sob o arco das costelas.

Só aí me lembrei da infância em que eu era um fogaréu, sempre disposta a verter riso e poesia no mundo e entendi que, entre isso e a mulher que hoje sou, movendo-me, pesada e pesando, sempre, a dor que posso ou não suportar, existiu um duro labor de me vergar aos significados domesticados da feminilidade.

Eu nunca pedi por nada disso.

Essa ninguentade é mais uma feitoria da qual não conseguimos sair tão facilmente. E certamente não conseguimos sair incólumes. Por isso, quando digo, se digo, meu dizer é antes de mais nada uma longa carta de amor a todas as mulheres - como eu - sozinhas. Desterradas em solidões e feitorias. Aprisionadas dentro de narrativas e injunções plantadas por centenas de anos dentro de nossos corpos para fazer de todas as vezes que fracassamos em saber quem somos e em nos amarmos a nós mesmas e umas às outras o sucesso de algum de nossos algozes - os mesmos senhores desta terra há quinhentos anos e os capatazes de quem eles se servem.

Quando digo, se digo - se resta algo em mim que consiga dizer ou ser dito -, é pra testemunhar que, para cada feitoria que nos destrói, há uma feitura que nos reconstrói. Que quando amo - outras mulheres, minhas ancestrais e meus Orisas - foi porque venci séculos de desvínculos compulsórios. Que quando me deixo tocar e me deixo amar (por) outra, é porque engendrei entre as coxas extenuadas uma inquietação que fez de mim algo muito diferente do que estava previsto. Que, quando reacendo como posso - ainda que seja com fúria - o fogaréu que um dia fui, é porque entre tudo o que perdi, tudo o que me tomaram e tudo o que nunca me deram, nunca puderam arrancar o desejo que me move.

Nina Simone tem razão: não é possível acreditar nas condições que produziram a situação que exigiu uma carta como essa. Uma carta a outras mulheres, como eu, sozinhas. Não nascidas sós por uma arbitrariedade do mal ou uma desgraça fortuita. Mas gestadas para viverem em suas solidões. Paridas para nunca se encontrarem. Criadas para optarem sempre entre a submissão ou a dor. Ou, pior, para viverem vergadas sob o peso de ambas.

Vocês estão em todas as minhas preces - essa feitoria não foi erguida para que sobrevivêssemos -. Vocês estão em todas as minhas memórias - as narrativas que governam esse mundo não guardam em seus olhos nossos nomes -. Pra vocês, todo o meu amor - nem mais nem menos do que ele é: bruto, precário, mas contra-hegemônico-. É isso tudo quanto tenho a dar: deixar antever as coisas pelas quais tive que lutar para aprender a dar nome.